

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.323

Domingo, 18 de Março de 1923

PREÇO—15 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Várzea, 114 e 115

No tribunal negro foram ontem condenados mais seis operários. Um dos presos foi brutalmente agredido quando era conduzido ao hinóideiro.

Quando terminará tanta infâmia?

A COMUNA DE PARIS

A revolução de 18 de Março de 1871 não foi um simples pronunciamento militar, mas um movimento — espontâneo das massas, retinamente popular —

Neste momento psicológico em que, perante o desvario urriante das plutocracias coligadas, de novo se agita o recio justicíssimo de uma explosão popular, acionada pelo desejo lógico de uma desforra implacável que venha compensar o travar dos sofrimentos que aos lábios do povo oprimido tem chegado pela envenenada taça das espolições — quadra bem a lembrança da revolta parisiense de 18 de Março de 1871: a Comuna de Paris.

A revolução de 1871 não foi um simples pronunciamento militar a expensas de um partido político, cioso por se recadar dentro da cidadela das predominâncias absolutas, como tem acontecido em Portugal. Ele foi gerado espontaneamente no seio das massas; ele foi retinamente popular, imbuído de princípios de liberdade, embora naquela época ainda um pouco imprecisos.

Sobre ser, até certo ponto, um protesto eloquente contra uma guerra que um bandoleiro caprichoso, estatelado na sua vaidade estúpida, provocara com a sua política de orgia espalhadora e fanfarrônica, depois de covardemente ter metralhado os insurgentes das barricadas e traído a 2.ª República — a Revolução de 18 de Março foi também a condenação formal e retumbante do poder central que, impotente para defender o povo do inimigo externo, facilitava o estabelecimento insulso do luxo insolente dos madraços e ricasas, enquanto o povo sofria toda a sorte de vexames e misérias!

Foi o escorregamento de um governo de traidores, como traidores são todos os governos, inclusive todos os governos da nossa República, que outra coisa não tem sido senão humilhantes cativos, com percentagem nos negócios, das castas filibusteras que pontificam no comércio, na indústria e nos bancos. Foi um raio de luz fêbreo a deslumbrar a caliginosa noite da gleba, iluminando mais um passo da "escravidão" para a liberdade, fazendo brilhar a lâmina da cólera dos deserdados para que a escandalosa turba dos ociosos visse bem o repúdio que ia nos espíritos dos escravos.

Mas foi mais do que tudo isso a Revolução de 1871: foi uma dolorosa lição de internacionalidade dada pela burguesia francesa, corroida de vícios, plena de crimes e insustentável de atrocidades, e paga pela miséria do povo, que sofreu todas as aguras do cerco e da fome. A burguesia demonstrou patentemente, a clareza crua dos factos, que ela é só patriótica quando se trata da dominação dos explorados do seu país; quando estes, porém, ao interior, dentro da sua própria nacionalidade, se insurgem contra a empunha do archote da liberdade e a espada da revolta, afim de expulsar os invasores internos, então governos, duques da finança, marqueses da indústria, condes do comércio, barões de burocracia funesta, tornam-se anti-patriotas e vão pactuar com o inimigo, pedindo-lhe auxílio para esmagar a escória que fala a sua língua, mas que teve a ousadia de se rebelar contra as suas históricas prerrogativas... A Comuna de Paris deu esse exemplo vivo.

O povo parisiense, e parte da restante França, quiz libertar-se, caminhar, evoluir para uma mais perfeita *igualdade e fraternidade*. E como todos os movimentos de reivindicação libertária e de iniciativa eminentemente popular tendem sempre ao aniquilamento dos privilégios anti-sociais e anti-humanos, a burguesia francesa, covarde ante o invasor, depois de cuspir o epíteto de *canalha* nas faces maceradas dos miseráveis e de dar as mãos aos inimigos prussianos, solicitando-lhes para que a livrassem da entrascada, fez a linda e trágica obra do impiedoso, mongólico massacre dos comunais, cometendo toda a

sorte de atrocidades e perseguições. Só faltou, com o colossal montão de ossos das vítimas, erigir um monumento à ferocidade capitalista, como o tirano Tienor Belg construiu um dos seus palácios com os esqueletos dos seus justicados. Nele, poderiam inscrever: *Direitos do Homem*...

Assim como em todo o mundo proletário se comemora hoje o gesto libertador da Comuna de Paris, assim em todo o mundo capitalista se festeja a sanguinolenta repressão daquele grandioso movimento, na ilusão fagueira de que sempre será vitoriosa. Não repara que a Comuna de Paris nos deixou uma lição dolorosa, mas muito elucidativa, que nos orientará o futuro.

A revolução perdurou-se porque os chefes dos blanquistas, jacobinos e dos internacionalistas federalistas se instalaram no governo da cidade, perdendo o tempo em discussões de detalhes legislativos, em vez de se conservarem no meio do povo a incitá-lo, como o exemplo, na continuação da obra principiada, como fizeram homens como Elisée Reclus, que não aceitou cargos de governo, que não largou a carabina, que não abandonou a fileira dos federados e que, de arma na mão, foi preso no plano de Châtillon — esse homem que a burguesia maltratou e pretendia fazer expir os seus crimes com os trabalhos forçados por toda a vida, mas que a intelectualidade, os sábios de toda a Europa, entre eles os próprios Darwin e Wallace, o arrancaram, com os seus protestos indignados, ao terrível cativo!

Perdeu-se, porque a sortida que se projectou a Versailles foi durante muito tempo neutralizada com a espera de ordens dos de cima, que se entretinham a discutir o velho princípio autoritário, criando o Conselho da Comuna, semelhante aos municipais...

Perdeu-se, porque impediram que a Comuna se consolidasse por meio da Revolução Social, abolindo a propriedade privada, individual, julgando que ela se cimentava com incideências, com tolerâncias, com simples modificações nas leis, embolando o espírito e a iniciativa populares...

Perdeu-se, finalmente, porque as doutrinas libertárias, porque os princípios socialistas revolucionários ainda não tinham despontado bem o Comunismo livre, e, portanto, não havia uma organização sindicalista revolucionária como hoje se vai desenvolvendo...

Mas a Revolução de Amanhã, a Comuna de Amanhã, sairá, inexoravelmente, vitoriosa — porque ela abolirá a propriedade individual, expropriando toda a riqueza social, e, em nome do povo inteiro e para o povo inteiro, colocará na posse legítima da sua organização. Tomando conta directa de todas as fontes da produção, fazendo as mananciais inexgotáveis da vida plena e livre, desembaraçando-se há de toda a casta de especuladores e despotas, para que possa, iniludivelmente, fruir os direitos à habitação, ao vestuário, aos gêneros alimentícios, aos outros produtos manufacturados, à instrução, enfim, a tudo quanto constitui a felicidade humana — cantando, como Goethe, com a pujante natureza: com a montanha, com o regato, com a floresta, com o campo florido e que nos alimenta...

Será então a melhor apoteose, a maior consagração, dirigida aos bravos de 18 de Março de 1871; a maior homenagem, a maior comemoração, que se poderá fazer à Comuna de Paris que, apesar dos seus reveses, talvez dos seus erros, é um astro iluminante na resplendente constelação revolucionária, que está a concluir pelo Criador do génio humano e que adquirirá, em breve, a mesma harmonia do Universo Natural...

Clemente V. dos SANTOS

RIFA DUM AUTOMÓVEL

De Dion Bouton com "jantes" de 815x105

Magneto Bosch último modelo

Carroceria Torpedo aberta com 7 lugares

As condições do sorteio.

O sorteio constará de 5.000 rifas a 5000 cada. Uma rifa habilitará o seu possuidor a dois números. O sorteio será feito pela lotaria da Misericórdia de Lisboa, de 21 de Abril de 1923.

A cada rifa corresponderá um talão, no qual será registado o nome do possuidor.

No dia imediato à entrega dos talões e respectivas importâncias na administração de *A Batalha*, serão publicados os nomes dos possuidores a fim de facilmente se indicarem os números já vendidos.

Os números que não forem publicados ficarão nulos para efeito de sorteio, devendo os possuidores de rifas verificar as listas publicadas. As reclamações devem ser dirigidas à Comissão pró-*A Batalha*.

Números que vão ficando cativos e seus possuidores:

369 e 2869—António Francisco Cruz
370 e 2870—João Augusto Pena
376 e 2876—Eduardo Silva
377 e 2877—Carlos Silva

2.ª lista do nosso agente em Silves:

493 e 2993—Manuel dos Santos
497 e 2997—Francisco Correia
508 e 3008—José Pargana
509 e 3009—João G. Baptista
510 e 3010—Serafim A. Pacheco
516 e 3016—Fausto Saal'Ana
517 e 3017—Eduardo Brito
518 e 3018—Fausto Saal'Ana
520 e 3020—Palmilha e José
521 e 3021—Ricardo Lino Correia
522 e 3022—José Simões
524 e 3024—Eduardo Estrela
527 e 3027—José Velhinho
528 e 3028—C. Sequeira
531 e 3031—José R. Gralha
532 e 3032—Sebastião Botão
536 e 3036—José Joaquim Estrela

1.ª entrega da Barbearia de Campolide:

804 e 3304—João Marques
805 e 3305—José Ferreira Coelho
806 e 3306—Cristiano P. Soares
810 e 3310—João A. Ribeiro
812 e 3312—Eduardo A. Encarnação

1.ª entrega da Chaparia "A Social":

853 e 3353—José das Dóres
854 e 3354—José Perreira
855 e 3355—Carlos Bento
857 e 3357—Clemente dos Santos
858 e 3358—Carlos Feijó Alameda
859 e 3359—Apriço dos Santos
860 e 3360—Artur A. Freitas
861 e 3361—Alvaro Alves
862 e 3362—Manuel Nunes
863 e 3363—Casimiro Ferreira
864 e 3364—João Milheiro
865 e 3365—Salvador J. Lamego
866 e 3366—João C. Mendes
1085 e 3585—Quinay.

Locais onde se encontram rifas à venda em Lisboa:

Chaparia A Social em suas sucursais:
Rua Fernandes da Fonseca, 33.
Rua Arco Marquês do Alentejo, 56, 58.
Rua dos Poiais de S. Bento, 74.
Rua do Corpo Santo, 29.
Tabacaria da rua de D. Estefânia, 50, junto ao largo.
Barbearia Boavista, Estrada de Campolide.

A Restauradora, Avenida Duque de Avila, 39, frente à estação dos eléctricos do Arco do Cego.
Barbearia, Rua da Alegria, 33.

NA ALEMANHA

Comunistas perseguidos

BERLIN, 17.—O deputado comunista à dieta bávara, Essenberg, acusado de crime de alta traição, desapareceu de Munique, supondo-se que tenha ido para a Rússia depois de a dieta recusar levantar a imunidade, que ele como deputado reclamava. O editor dum jornal comunista de Berlim, acusado do mesmo delito, foi preso e levado a Leipzig, onde comparecerá perante o "Reichsgericht".—(R.)

A produção de nafta em Baku

RIGA, 17.—A produção de nafta na região de Baku elevou-se no mês de Janeiro passado a 18.114.000 puds, o que constitui um aumento sensível comparado com o mês anterior.—(R.)

A ocupação do Ruhr

Actos de sabotagem e apreensão de explosivos

PARIS, 17.—Assinalam-se actos de sabotagem nos caminhos de ferro e nas linhas telegráficas. Na região de Treveris perto de Fremerheim a sabotagem das agulhas provocou a colisão entre comboios de tropas e material, o que causou a morte a um soldado e vários feridos. A segurança britânica apreendeu em Colónia um certo número de explosivos destinados a fazer saltar os caminhos de ferro da Renânia. Os autores dos actos de sabotagem serão condenados a trabalhos forçados.

O carregamento do coque tomado na 2.ª carvoeira fiscal de Westerholt e a sua expedição para a França continuam sem interrupção.—(R.)

A LAMA DA MOAGEM

BANDIDO, PRECISA-SE!

para dirigir o jornal de maior circulação do país!

"O Século" define este século! O sr. Cunha Leal deve falar!

Produziu natural sensação o artigo que *A Batalha* ontem publicou acerca das lutas travadas no *Século* entre o seu director sr. Cunha Leal e os potentes possuidores das agências da Sociedade Nacional de Tipografia.

Para melhor esclarecimento do público que nos lê, mencionamos aqui os nomes desses potentes que tem na mão quasi todo o país e parte das Colónias, São eles: Banco Nacional Ultramarino, Companhia Industrial Portuguesa e Colónias (Moagem), Platão Pelg (que a boca pequena se murmura ser agente do sr. Cambó, espanhol, que pretende defender os interesses espanhóis na questão das quedas de água do Douro) e Sociedade Alameda.

E' esta gente quem pontifica no *Século*. Foi esta gente que quiz obrigar o sr. Cunha Leal a fazer a defesa rasgada dos seus negócios inconfessáveis. Não somos amigos do sr. Cunha Leal. Discordamos por completo da sua orientação política, não lhe podemos perdoar o ter querido implantar a pena de morte em Portugal. Pomos nos quem, por essa ocasião mais alto levantou o pedão da rebeldia contra uma pretensão que, realizada, não só poria, mais uma nódoa de sangue num regime que tantas nódoas tem, como deixaria cobertos de vergonha todos os amantes sinceros da liberdade que teem dado o melhor do seu esforço, da sua inteligência e do seu sangue para que a marcha imperturbável do progresso não se interrompa. Não temos pouso do sr. Cunha Leal sempre que se nos afigura encolado em *in vivo*. Neste momento, porém, não podemos deixar de afirmar que o sr. Cunha Leal assumiu uma atitude digna, não querendo servir com a sua pena, e com a sua inteligência os interesses ilícitos dessas emprezas que teem levado o país à ruína, defraudando o Estado e esmagando o povo.

O sr. Cunha Leal deve esclarecer o povo

O sr. Cunha Leal revoltou-se. E quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

querer, pago a ouro, proceder contra a sua consciência, calar todos os princípios de dignidade, rojar pela lama o seu nome; quando um homem se revolta contra a imoralidade, quer seja um político, uma figura de relevo social, ou simples e obscuro operário, merece sempre os aplausos dos que têm a consciência sã e as mãos limpas.

Teria, porém, o sr. Cunha Leal segundas intencões a defender, quando assumiu a atitude de rebeldia que o tornou simpático aos olhos de quem ama, de quem preza a dignidade acima da própria vida? Não sabemos. Ele, entretanto, poderá desfazer as suspeitas que espíritos cautelosos porventura alimentem, trazendo a público tudo quanto ainda há de obscuro e de misterioso neste já célebre negócio do *Século*.

Quem, como o sr. Cunha Leal, subitamente, repentinamente se ergue irado perante o país inteiro, acusando de traficantes e pulhas aqueles indivíduos com quem convivia e que o colocaram na direcção do mais poderoso órgão da imprensa — tem obrigação moral de explicar a sua atitude, até as mais insignificantes minúcias. E' isso, estamos convencidos, que o sr. Cunha Leal vai fazer. E' por essas explicações, absolutamente necessárias, que o país está esperando ansiosamente!

O sr. Cunha Leal vai falar, com certeza. Porque se não falar, toda a gente terá o direito de supor que a sua revolta não é consequência duma dignidade ofendida, mas de qualquer ambição insatisfeita.

Um grito angustioso não basta!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas disse muito pouco. E' natural que as acomções dos últimos dias o tenham abalado interiormente. Estas condições gostam. Vivem-se anos em alguns minutos. O discurso do sr. Cunha Leal agitou-nos o grito, o rouco clamor dum homem que sente na garganta os dedos brutais da ignomínia apertando, asfi-

quando um homem se revolta por não

bastar!

Ontem à noite, numa das sessões do partido nacionalista, o sr. Cunha Leal falou. Mas não disse tudo, mas

O SINDICALISMO EM FRANÇA

A luta contra o patronato e a guerra ao imperialismo - As resoluções do Comité Confederal Nacional da C. G. T. U.

O Comité Confederal Nacional da C. G. T. U. reuniu nos dias 4 e 5 do corrente mês, em Paris, tomou várias resoluções. Foi numa atmosfera de febril, mas onde não cessou de reinar a mais perfeita boa fé e a mais franca cordialidade, que os militantes delegados das uniões departamentais e das federações de indústria, discutiram as questões postas na ordem do dia e votaram finalmente, sobre cada uma delas, precisas e vigorosas resoluções de razão, de justiça e de acção.

Tratou-se, em primeiro lugar, de intensificar a propaganda e de assegurar um funcionamento muito mais rápido que actualmente, pela criação de organismos que permitam prolongar simultaneamente e por regiões, os esforços da C. G. T. U.

Apoiando o relatório muito documentado de Vadeort, Richeix concluiu assim:

«No momento em que se pergunta se não iríamos para uma nova guerra, as uniões departamentais responderam que não podiam fazer nada com os seus próprios meios.

É preciso encontrar esses meios de propaganda que faltam à U. D. É necessário agir rapidamente. A situação critica em que nos encontramos pode necessitar dum poderoso esforço de propaganda que nós não podemos realizar com a nossa organização actual. Concedendo-se os cinco centimos, as Federações reduziram duma maneira sensível os seus gastos de propaganda.

Não é útil um congresso. Na organização têxtil decidimos submeter a questão ao próximo Conselho Nacional da Federação.

E, sobre esta intervenção, o C. C. N. decidiu a criação imediata das Uniões Regionais, cujo orçamento será formado:

a) Por adiantamentos realizados sobre as cotizações pagas às Uniões Departamentais;

b) Por somas recobradas sobre os fundos de propaganda das Federações de indústria;

c) E duma parte contributiva da C. G. T. U.

Na questão das relações internacionais, o C. C. N. por uma grande maioria aprovou a acção dos delegados ao segundo congresso da I. S. V., sendo confirmada por 76 votos contra 23, a adesão da Confederação Geral do Trabalho Unitário à Internacional Sindical Vermelha. Os votos incidiram sobre a seguinte resolução:

«O Comité Confederal Nacional, chamado a discutir as condições em que se efectuou a adesão da C. G. T. U. à I. S. V., no decorrer do último congresso de Moscovo, recorda os termos da resolução adoptada sobre este ponto pelo Congresso de Saint-Etienne:

«O sindicalismo, colocando a revolução acima de todo o sistema e de toda a teoria, declara-se pronto a aceitar o auxílio de todas as forças revolucionárias.

«Esta colaboração não permanente, mas circunstancial, com os agrupamentos exteriores, não pode ser encarada se não em vista de perseguir, por meios de acção directa, objectivos nitidamente determinados e ditados pelas necessidades da luta das classes.

«O Congresso estima que a acção comum pode-se realizar sem que se justifique a criação de ligações orgânicas e permanentes entre os diferentes organismos que não pode ser senão uma subordinação velada do movimento sindical.

«O Congresso condena toda a ideia de criação duma outra internacional sindical que não seja a de Moscovo, na condição expressa que os estatutos e as resoluções desta internacional respeitem nacionalmente a autonomia do sindicalismo francês.

«Resolutamente partidário da autonomia da I. S. V. vis-à-vis da III Internacional comunista, ele manda os seus delegados para defender no seio do segundo congresso o principio desta autonomia e para votar contra a aplicação do artigo 11 dos estatutos da I. S. V. No caso em que não lhe seja dada satisfação, «decide consultar de novo os sindicatos antes de tomar qualquer decisão.

«Deriva desta resolução que a adesão da C. G. T. U. à I. S. V. podia ser efectuada regularmente desde o instante em que a modificação dos estatutos e resoluções da I. S. V. no sentido da referida resolução fôsse um facto comprovado.

«Desejo de destruir toda o equívoco, o C. C. N. re-indispensável pronunciou-se sobre os textos precisos que

dão todo o seu valor ao acto de adesão e reduzirão, no futuro, todos os erros de interpretação.

«No seu relatório com vista ao segundo congresso, a C. E. tinha proposto importantes modificações aos estatutos e resoluções do primeiro congresso da I. S. V. Elas foram adoptadas.

«O C. C. N. estima que adoptando estas propostas de modificações ao segundo congresso da I. S. V. permitiu a adesão imediata da C. G. T. U. Por consequência, ela aprova a atitude da delegação e confirma a adesão da C. G. T. U. à I. S. V.

«Ele julga que não só a comissão executiva da I. S. V. não ultrapassou o seu mandato constituído antes de se separar um comité de acção internacional, entre a I. C. e a I. S. V., contra o imperialismo, mas que pelo contrário, ela faltaria ao seu dever e à sua missão se tivesse agido por forma diferente.

«Os acontecimentos actuais provam em demasia a urgência duma coordenação das forças revolucionárias nacionais e internacionais, para que o C. C. N. não aprove sem reservas a atitude dos delegados da C. G. T. U. ao segundo congresso da I. S. V. e não dê a confiança à Comissão Executiva para a continuidade da acção empreendida contra o imperialismo francês em completo acordo com a Internacional e por todos os meios previstos pela Resolução de Saint-Etienne.

«A Federação Postal Unitária propôs o seguinte aditamento:

«O C. C. N. registando que o novo texto do artigo 11 dos estatutos da I. S. V. é o apresentado pela delegação francesa, em conformidade com as decisões tomadas em Saint-Etienne, aprova a adesão da C. G. T. U. a essa internacional.

«Reportando-se aos debates do Congresso de Saint-Etienne, espera que os comités de acção criados cada vez que as circunstâncias o exigirem para a aplicação das decisões tomadas não dirão respeito senão à preparação da acção contra o capitalismo internacional; não podendo a acção das organizações sindicais ser decidida senão pelos organismos responsáveis.

«O C. C. N. pede à C. E. da C. G. T. U. para reservar a liberdade de acção do sindicalismo francês no caso em que decisões de acção sejam tomadas das fora destas considerações.

«Esta resolução, duma precisão luminosa, demonstra irrevelavelmente que, contrariamente às informações tendenciosas dadas sobre os debates do Comité Confederal, em *Equilíbrio* de ante-onde, pelo Sr. Toti, tesoureiro geral do Partido Comunista Unitário, as questões discutidas no decorrer da sessão da tarde de domingo 3 de Março, não foram somente o respeito pela delegação confederal do mandato recebido em Saint-Etienne, mas também, e principalmente, a ratificação da adesão da C. G. T. U. à I. S. V.

A discussão sobre «a situação em relação aos acontecimentos» deu lugar a um debate muito longo e por vezes assas confuso sobre o papel e a constituição destes «comités de acção».

A resolução da C. E. completada por um breve aditamento, aliás agregado pelo Bureau, precisava que:

«O Comité Confederal Nacional da C. G. T. U. regista com satisfação a posição tomada pelos revolucionários alemães em face do movimento nacionalista provocado pelo imperialismo francês e explora pelo governo Cuno.

«A Conferência de Essen, marcando o ponto de partida duma acção verdadeiramente internacional, tem permitido ao proletariado franco-alemão colocar-se duma maneira muito nítida no terreno positivo da luta de classes contra o capitalismo internacional. Este gesto não deve ficar sem continuação.

«Com vista a realizar uma coordenação cada vez mais estreita entre as organizações revolucionárias de França e da Alemanha, o C. C. N. decide igualmente preparar activamente a resistência operária contra o imperialismo francês e contra a guerra possível, por todos os meios de que dispõe o proletariado em caso de legítima defesa.

«Declara que, longe de retirar o entusiasmo dos militantes e dos trabalhadores, a repressão dos governantes não pode senão encorajar a C. G. T. U. a perseguir a sua via da qual coisa alguma a poderá desviar.

«Afirmando de novo a solidariedade internacional que liga os dois proletariados da França e da Alemanha, o C. C. N. responde favoravelmente ao último apelo dos comités de fábrica renano-westfalianos, convocando para Co-

AO POVO

Povo português que estais perdendo as tradições da vossa raça! É preciso que readequais os antigos e belos costumes portugueses.

Se quereis conhecer o que era a genuína vida portuguesa dos nossos antepassados ide ao EDEN THEATRO ver a sublime peça O FADO cujo entredo é um verdadeiro espelho da vida genuinamente nacional, vibrando ao som das guitarras o coração bom e sentimental dos portugueses.

Representa-se todas as noites neste teatro a magnífica opereta em 4 actos, repleta de sugestiva música, e de que damos a seguir o ARGUMENTO

1.º ACTO

A acção decorre na taberna do «Coite Encarnado», no Campo Grande. É ali o ponto de reunião de marialvas, fadistas e mundanas que aguardam, cantando o fado, a passagem dos toiros para o Campo de Santa Ana.

Entre os fadistas encontram-se o Má Vido, o Melenas e o Palhetas, que entretem a sociedade com os seus ditos de espirito.

Ouvem-se apitos. Entra o Eduardo, companheiro daqueles, trazendo agarrado um fadista que tentou esfaquear a amante, Eduardo, que é um homem enérgico, e uma bela alma, arranca-lhe a navalha e quebra-a nos joelhos, protegendo depois a rapariga que o outro queria maltratar. Seguem-se outros episódios e termina o 1.º acto com a passagem dos toiros, entre grande alegria dos circunstantes.

2.º ACTO

No solar do marquês da Cotovia. Má Vido, Melenas, e Palhetas foram contratados pelo marquês para lhe ensinar as maneiras de fadista, como riscar, esgrimir a navalha e cantar o fado, porque quer desse modo conquistar o coração de uma menina de quem gosta. O marquês aparece trajado de fadista e é recebido pela criada-gem no meio da maior gargalhada, que o deixa seriamente comprometido.

3.º ACTO

O marquês da Cotovia oferece um baile nos seus amplos salões e lembra-se de convidar para a festa o Má Vido, o Melenas e o Palhetas, a quem enverga casacas, apresentando-os depois aos seus amigos como se fossem fadistas da melhor linhagem.

Os três fadistas pintam o diabo com as damas que lhes oferecem o braço para valsar, terminando por promoverem uma grande desordem, que põe tudo em debandada.

4.º ACTO

A menina a quem o marquês recusava recusa-se a casar com ele, pelo simples motivo de que tem já o eleito do seu coração. O conde, seu pai, vendo a teimosia da filha em contrariar nos seus desígnios, mostra-se furioso, tanto mais que o marquês é rico e ele se encontra arruinado. Ameaça internar a filha num convento. Ela, porém, não se intimida e o conde realiza a ameaça. Maria dá entrada no Convento das Marianas.

Eduardo, que a ama, fica pesaroso, mas os seus amigos Má Vido, Palhetas e Melenas prometem rapidamente de ali, e saltando o muro da cerca, depois de mil peripécias cómicas com o sacristão e a madre abadesa, raptam em vez de Maria, uma velha que ali recolhera também. Por fim o conde desiste de martirizar a filha e esta casa com Eduardo.

NOTA ESPECIAL - Representam os principais papeis da opereta os actores Carlos Leal, Fernando Pereira, Jorge Rolão, Santos Carvalho, Armando Machado, e as actrizes Laura Costa, Zulmira Miranda, Maria Lourdes Cabral, Maria Isabel, Rosalina Sayal, etc.

Os que morrem

MANIFESTAÇÃO FUNEBRE

Um grupo de operários da freguesia de Santa Isabel efectua hoje uma manifestação fúnebre à memória de A. Rosa dos Santos Alves, Lucília dos Santos Alves, Verediana dos Santos Alves, Miçela Rosa Farinha e Rosa Alves, respectivamente esposas, filhas, irmã e sobrinha do operário José Alves que faleceram quasi sem interrupção. A manifestação que sai da rua Campo de Ourique, 134, para o cemitério dos Prazeres é acompanhada pela Sociedade Filarmónica Verdi.

LAMINAS DE BARBA

afiam-se a electricidade de Tabacarias e Loppes de Costa, rua do Loreto, 59, Americana, Chiado, 41, Nova Luzia, rua S. Nicolau, 112.

Gama

GRANDE VARIEDADE

DE - Bilhetes, frascos e caixas para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais 20 por registo

Fornecer para revender

TELEFONE 4.020 NORTE

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51-Lisboa

BADEIRAS

A. CARDOSO

149, R. Correioes, 151

ALFAIATARIA

Fazem-se e alugam-se badeiras para sindicatos e outras colectividades aos preços mais baratos

O grito de alarme foi dado por fim, na pessoa do Sr. Smith, redactor de *Pall Mall Gazette*, o inimigo executou um rápido reconhecimento. Depois de ter notado as nossas pegadas em Oxford Street, no quartel general do Exército de Salvação - com effeito como vêr Londres se não se vai admirar o *Salvation Army* - o jornalista londrino apresentou-se na minha caverna, armado com uma carta de Leudet.

Imediatamente, com a decisão dum homem educado na escola da grande guerra, ele poz-me a entrevista aos peitos.

É preciso prestar justiça mesmo aqueles que não nasceram entre a planície de S. Diniz e o planalto de Chalillon; enquanto que em França, o pessoal de reportagem se recruta mais frequentemente entre aqueles que teem mais labia que entre os que possuem conhecimentos enciclopédicos e a necessária ortografia para escrever «homens» e «ch», a reportagem inglesa conta homens verdadeiramente instruídos e muitas vezes notáveis. Sempre com a sua maleta de viagem na mão, Ernesto Smith es. estava ao corrente de todas as questões e falava as principais linguas europeias.

«Quanto aos proscritos chegaram do continente? perguntou ele.

Persuadido que, em certas circunstâncias, a palavra deve servir ao homem para dissimular o seu pensamento, estive para responder: «Oh! não oitavo dez, não mais. O facto é que naquele momento, nós não eramos ainda senão uns quarenta.

«Quatrocentos, respondeu impetuosamente e por mim, Nikoloff, que acabava de entrar.

Olhei-o, assombrado pela surpresa, porque ele não era do sul!

Gracias à intervenção do temível nihilista, o resto da entrevista continuou pouco mais ou menos neste sentido: os leitores de *Pall Mall Gazette* foram muito bem informados!

Dois dias depois, os diários de França e de Inglaterra reproduziram a prosa do seu colega londrino, e o *Morning*, órgão particularmente agressivo, publicava a informação seguinte que lamentava por não ter sido a citar de memória por não ter sob os meus olhos esse número do jornal.

«Quatrocentos desesperados, ladrões, moedores falsos e assassinos, cujos crimes os colocam no mais baixo de toda a sociedade, fugindo à policia do continente, caíram sobre o nosso pais.

«Mal que chegaram, não tendo nem o sentimento do reconhecimento nem o de justiça ou de pátria, começaram por urdir uma vasta e espantosa conspiração contra os habitantes do pais que lhes deu asilo, ameaçando-os a um mesmo tempo nas suas vidas e nes seus bens.

Esses miseráveis decidiram penetrar sob pretextos diversos em casa de todos os ricos de Londres e do reino para cloroformizá-los. Depois de lhe ter feito perder o conhecimento applicando-lhe uma esponja embebida dessa infernal matéria, eles fariam não baixa sobre tudo que possuam.

Etc., etc., etc.

Como é que o engenhoso autor desse artigo se esqueceu de mencionar a violação? Ela estava naturalmente, indicando: enquanto que os lords e burgueses estariam adormecidos graças à formula CHIC, entregando as nossas criminosas investigações, o conteúdo das suas algibeiras e das suas carteiras, os sclerados, - é a nós que na refiro - perclitaram-se iam, como faunos picados por uma mosca... cantárida, sobre as missas conternadas e as fortes mpetonetas que, depois de tudo, se sentiam talvez consoladas por representar o papel de Lucrécias menos no suicidio.

A despeito destas elucubrações, precedidas sempre de titulos sensacionais, o jornalismo inglês não deixa de contar, repito-o, com homens muito notáveis e muito instruídos; são raros os que ignoram o francês ou o alemão, enquanto que entre nós, são uma excepção, os que conhecem outra lingua.

Por isso, mesmo os reporters menos notáveis do Reino Unido, não se privam de manifestar um certo desdém para com os seus colegas de além Mancha; aliás, o inglês dissipa em geral as suas qualidades num fanatismo que o impede muitas vezes de vêr com clareza.

O que antes de mais nada a imprensa inglesa procura, é a informação, o detalhe. Nada de considerações elevadas, filosoficas, de espirito de synese, pouco entusiástico, nenhuma elegância de forma: sempre o pormenor, o pratico e o immediato. Os artigos anónimos dos in-

Um pouco de tudo para todos!

CARTAZ

S. CARLOS. - Não há espectáculo. NACIONAL - A 21 - Viriato.

S. LUIS - A 21 - A Prima Inglesa. - A 15 - Concerto Ausencia.

POLITEAMA - A 21, 25 - A Ribeyrinha. AVENIDA - A 21, 25 - A vida dum rapaz gordo.

APOLLO - A 21 - Os Fidalgos da Casa Mourisca.

EDEN THEATRO - A 21, 25 - O Fado. COISEU - A 21, 25 - A Nova Companhia de Circo. - A 15 - Matinée.

SALAO FOZ - A 21, 25 - Animatógrafo.

THEATRO DOS ANJOS - Companhia de opereta e variedade.

GIL VICENTE - A 21 - Domingos, e sequencias - A 21 - Morte Civil.

CALENDÁRIO DE MARÇO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Q.	1	8	15	22	29																										
S.	2	9	16	23	30																										
D.	3	10	17	24	31																										
S.	4	11	18	25																											
S.	5	12	19	26																											
T.	6	13	20	27																											
Q.	7	14	21	28																											

HOJE O SOL

Aparece às 7,43

Desaparece às 17,47

FASES DA LUA

L. C. dia 3 às 5,34

Q. M. 8 às 18,31

P. N. 17 às 12,34

Q. C. 25 às 16,43

MARÉS DE HOJE

Praiamar às 3,06 e às 3,22

Baixamar às 8,30 e às 8,52

CAMBIO

Países	Moe.	Ao	Par	Comp.	Veuda
Alemanha	Marcos	4329	5,4	1,38	
Austria	Schillings	417,8	1,288	1,428	
Belgica	Francos	417,8	1,288	1,428	
Espanha	Pesetas	417,8	1,288	1,428	
E. U. A.	Dolares	417,8	1,288	1,428	
Francia	Francos	417,8	1,288	1,428	
Holanda	Florins	417,8	1,288	1,428	
Inglaterra	Libras	417,8	1,288	1,428	
Italia	Libras	417,8	1,288	1,428	
Suica	Francos	417,8	1,288	1,428	

Conselhos, Fórmulas, Receitas, etc.

Responde-se a perguntas sobre as indústrias quimicas e mecánicas

VULGARIZAÇÕES

Tapetes orientais

(Continuação)

NÃO há informes satisfatórios acerca dos antigos tapetes e tapeçarias da Índia. Os grandes nobres de Delhi preferiam os tapetes persas. No Raznama, famosa obra preparada para o imperador Akbar, assim como em muitos outros manuscritos ilustrados, daquele periodo, os tapetes de tipica arte estão apresentados com a sua ornamentação característica.

Todos os grandes exemplares de tapetes e tapeçarias que se conservam em mesquitas, palacios e museus, são de caracter persa. Sabese, contudo, que Akbar estabeleceu fabricas destes artigos em Lahore em 1580 e nelas collocou tecedores persas. Em marcado contraste estão as tapeçarias do Causaso e Asia Central, adornadas com figuras geométricas ou flores de formas caprichosas e convencionais, em cores que não parecem discordantes.

Alinda que tudo que venha da Persia, ou da India, ou de Cathay, goze de especial encanto, em nenhuma parte do Oriente se tecem as tapeçarias na estrutura classica da Asia Menor. Estas são tecidas ainda nos sitios por onde viveu Crespo e nas aldeias por onde Homero passou, cantando as suas rapasias de cego iluminado pelos deuses. Os seus fios são torcidos pela toska roda de pastoras que ainda vão apascentar os seus gados nos mesmos sitios por onde Artaxerxes marchou, através da ponte levantada pelas legiões romanas e sobre as verdes faldas do Monte Ida.

A este grupo pertencem os Ohiorides e Ladiks da Asia Menor, os Daghestans e Kabistans do Causaso, e também os chamados Cachemiras, que se fazem em Shemakha e seus arredores, e os Bokharas Reaes e Yomuds da Asia Central. Nestas localidades os tapetes teem nomes especiais. Os Okjaklik, tapetes para o chão e frente do fogo, são os mais valiosos. Estendem-se sempre deante do fogo, à chegada do hospede.

FATALIDADE

A morte prematura e desgraçada que tiveram muitos escritores da antiguidade é suficientemente notável: Menandro morreu no Pirco; Eurípides e Heracleito foram despedaçados por uma manilha de cães; Empédocles precipitou-se na cratera do Etna; Hesiodo acabou com a vida às mãos de um assassino; Arétilcho e Ibio foram mortos por um bando de saltadores; a célebre Epilo despenhou-se de uma rocha; Eschyles foi morto por uma triaranga despedida das garras de uma ave de rapina; Anacreonte (ainda que não foi o unico no seu genero) levou-o uma tremenda borracheira; Cratino e Terencio acabaram em um naufragio; Seneca foi condenado a morte por um tirano; Lucrecio faleceu em um frenesi de amor; Socrates e Demosthenes foram envenenados; Cicero morreu degolado.

PERAL, L. da

(ex-empregado da Casa Pinheiro)

Tecido de lã, seda e algodão

Grande sortido em todas as qualidades e a preços sem competencia

Enviem-se amostras e encomendem-se para todo o pais

80, 4.º, Rua da Prata, 82 e 86

Telefone 77 C.

INSTRUÇÃO

Dizem da Arcadia:

Por não satisfazerem algumas disposições regulamentares, não foram admitidos os candidatos aos concursos para provimento de uma vaga de professor efectivo do 1.º grupo do liceu de Portalegre e de 2.º do 8.º grupo do liceu da Guarda, sendo aberto novo concurso para aquele provimento. Também foi posta a concurso uma vaga de professor efectivo, do 2.º grupo do liceu de Guimarães.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metalúrgica que não se desluzem e dão boa feitura, dizem 30, isqueiros, rodas ócas e moedas, tubos, moais, pipos e tambores.

Único depósito que fornece para revenda.

CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo, solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18 (junto ao arco pequeno).

termináveis jornais - o Times com dez paginas, o Daily Telegraph com dez, o Daily Chronicle com oito, - são pesados, fatigantes, cheios de repetições, advinha-se que foram escritos para os indolentes, não para os diligentes. Mas não se vá, entretanto, caluniar a lingua de Shakespeare; ela tem expressões duma concisão e duma força admiráveis, em francês, não se podem traduzir numa só palavra. Tais são to echo, repetir como um eco; to dog, seguir a pista como um cão; to cut, abreviar a conversação ou passar adiante friamente.

Mas voltemos à conquista de Inglaterra.

De quarenta, tornaram-se sessenta, depois cem, depois duzentos, porque de todas as partes da França chegavam sem cessar novos proscritos, trazendo muitas vezes com eles as suas famílias; depois o número aumentou constantemente.

De Italia, da Bélgica, da Holanda vinham também alguns; a Rússia e a Alemanha estavam já fortemente representadas, a Boêmia também, mas pelos tchecos sérios e trabalhadores, não por fantasiosos heróis de Mirger.

Mais tarde, depois dos atentados de Pallas e de Salvador French, chegaram alguns de Espanha; mas poucos relativamente.

(Continua)

N.º 13 - Folhetim de «A BATALHA»

18 DE MARÇO DE 1923

AS ALEGRIAS DO EXILIO

De CARLOS MALATO

VII

A policia em viagem

Por fim teve-se piedade daqueles carabinheiros de Offenbach. Houlier tinha perdido metade dos cabelos; um diém ex-salchicheiro, a quem esta scena despertava pungentes recordações, intercedeu por eles e então tiveram a permissão, como ia a passar um carro, de se precipitarem nêles seguidos de dois ou três subalternos franceses. Sob uma saravada de ditos picarescos, desapareceram ao triplo galope.

Heróico, como Lawrence em Lucknow, Melville ficou com os seus ingleses para cobrir a retirada. Chegando naquelle momento, teve a honra de lhe ser apresentado a queima-roupa, cortesia de que não deve nenhum reconhecimento a Delebecque.

—Tu não dás a tua direcção a este senhor? - disse chorcamente Oreste.

—Se o senhor quere...

—E' inútil, respondeu arreliado o inspector, já a tenho.

—Reconheço, confessava eu com uma admiração equívoca, que a policia é infalível em Londres.

VIII

A conquista de Inglaterra - Paris em Londres

Não tendo Londres senão o dobro dos habitantes de Paris - o triplo se o considerarmos o Greater London (1) - era indispensável que esta segunda capital fornecesse habitantes a primeira.

(1) Londres grandíssima, isto é, a cidade com os seus subúrbios, dos quais nenhuma demarcação a separa.

"Um pouco de tudo para todos"

HORARIO DA LINHA DE SINTRA

Partidas de Lisboa	Chegadas em Sintra	Partidas de Sintra	Chegadas em Lisboa
0,35	1,39	6,15	7,14
6,10	7,19	7,35	8,33
7,45-a	8,16	8,40	9,11
8,59-a-d	9,30	9,32	9,20
10,10	11,21	9,40	10,10
12,50-b	13,56	9,51-a-d	10,25
14,00-c	15,09	12,00	13,02
15,30-d	16,36	16,15-e	17,10
17,30-a-d	18,00	18,10	18,32
18,00-e	18,46	18,56	19,24
18,15-a	18,51	19,32	20,30
18,58-d	19,53	21,02-b	21,59
19,55	21,02	23,28	0,25
22,47	23,50	—	—

a. Só até Queluz.—b. Não há aos sábados.—c. Só aos sábados.—d. Só nos dias úteis.—e. Só de Queluz.

CARREIRAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Sodré) para Cacilhas, às 6, 6-50, 7-40, 8-30, 9-20, 10-10, 11-00, 12-30, 13-40, 14-30, 15-20, 16-10, 17-00, 18-30, 19-20 e 20-10. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-10.

De Cacilhas para Lisboa, às 6-30, 7-15, 8-05, 8-55, 9-45, 10-35, 11-25, 12-15, 13-05, 14-00, 14-45, 15-35, 16-25, 17-15, 18-05, 18-55 e 19-45. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-25.

De Lisboa (C. Sodré) para o Belxal, às 8-00, 10-30, 15-40, 18-20.

Do Belxal para Lisboa, às 6-30, 9-00, 12-30, 16-30.

De Lisboa (T. Pass) para o Barreiro, Partidas:—7-00 (a), 8-00, 10-20, 11-30, 13-30, 16-20, 17-15, 18-50, 20-15 e 1-00 (b). Chegadas:—7-40 (a), 8-40, 10-40, 12-30, 14-10, 17-00, 17-55, 19-30, 21-30 e 1-15 (b).

Do Barreiro para Lisboa.—Partida: às 6-45, 8-00, 10-01, 11-45, 14-00, 15-35, 17-20, 18-55, 21-05 e 22-30 (c).

Chegadas:—7-20, 10-00, 10-10, 12-35, 14-40, 16-30, 18-00, 19-05, 21-00 e 23-10 (c).

(a) Não se efectua aos domingos e dias feriados. (b) Só se efectua aos domingos, segundas-feiras e dias de feriado nacional e dias seguintes a dias feriados. (c) Só se efectua aos domingos e dias de feriado nacional.

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

AQUÁRIO VASCO DA GAMA.—Da fundação. Todos os dias, das 10 às 18, 20 centavos.

ARQUEOLÓGICO.—Largo do Carmo. Todos os dias, das 10 às 12, 20 centavos.

ARTILHARIA.—Largo do Museu da Artilharia. Todos os dias, das 10 às 12, 20 centavos.

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA.—Rua do Arco a Jesus. Todos os dias, das 10 às 18, com licença.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO.—Rua Bugalho, 10. Todos os dias, das 10 às 18, com licença.

ETNOGRÁFICO PORTUGUÊS.—Edifício dos Jerónimos, Belem. Todos os dias, das 10 às 18, com licença.

GEOLOGICO.—Rua do Arco a Jesus, 1. Academia das Ciências, 2.º pavimento.

JARDIM ZOOLOGICO.—Exposição permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DO BOCAE.—Escola Politécnica. Quintas-feiras das 12 às 18.

NACIONAL AGRICOLA.—Tapada da Ajuda.

MISERICORDIA.—Largo de Trindade Coelho. Último domingo do mês, às 15,20.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA.—Rua das Janicas Verdes.

NACIONAL DE COCHES.—Praça Afonso de Albuquerque. Todos os dias, das 12 às 17.

NACIONAL DE MARINHA.—Largo do Chafariz, 23. A/3 terças e domingos, A/3 segundas, 20 centavos.

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos	Dias
--------------------	------

«Gelria», Las Palmas, portos do Brasil e Argentina. 19

«Asia», Providence e New-York com escala por Ponta Delgada. 19

«Lutetia», portos do Brasil e Argentina. 20

«Baga», Naples, Smyrna, Constantinopla, Constanza e Marselha. 20

«Argentina», Paranaquá, S. Francisco, Desterro e Rio Grande do Sul. 22

«Mediana», portos do Brasil e Argentina. 24

«Avon», Madeira, portos do Brasil e Argentina. 27

«Oranias», Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam. 28

«Demerara», portos do Brasil e Argentina. 30

Reumatismo

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artístico, Muscular.

«Reumatina» 24 horas depois não tem mais dores.

«Reumatina» É inofensiva porque não exige dieta.

«Reumatina» Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias.

Preço 8\$00

Pó Anti-blenorrágico

É o mais poderoso combatente das blenorragias crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho Bomjardim, 440 — PORTO

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Acaba de ser posto à venda o interessante folheto de Chinez «Como não ser anarquista». Constitui uma nova edição feita pelo Grupo «Humanidade Livre» Preço 20 (pelo correio 30)

PAPELARIA VIUVA MÁRQUES

TELEFONE C. 2676

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E LIVROS COMERCIAIS

36 — RUA DO OURO — LISBOA

Fatos completos e sobretudos

prontos a vestir, em boas fazendas, com bons forros, para homem, desde 89\$00 a 199\$00

Capas alentejanas desde 129\$00 Calças desde 25\$00

Impermeáveis ingleses com cinto e capuz, desde 129\$00

Vestir bem e barato SÓ NO **Chaves DO Conde Barão**

Fato feito e por medida para homem e rapaz

170, Rua da Boa Vista, 172

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sédes — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco Marquês de Alegria, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Belsaúde VITERI

Cigarilhas medicinas ultra-elegantes

Cura rapidamente

Catarrhos, deflexões, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.ª Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores.

2.ª Usada pelas senhoras: mata o mau cheiro da boca e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar olhares duvidosos porque as defende de contágios perigosos.

3.ª São usadas pelas pessoas doentes, pelas astmáticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes sonos reparadores e saudáveis.

4.ª Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.ª Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro crónico.

6.ª Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usada por todos os que pensam muito.

7.ª Usada pelas pessoas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo sanitiza o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, anginas, etc.

Há conveniências em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 1\$50 esc.—Fórmula n.º 2 (forte) cart. 1\$80 esc.

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 2\$00 esc.

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

VENDE-SE NAS BOAS FARMACIAS E DROGARIAS

CALÇADO BARATO

SÓ O VENDE O

CANDEIAS

Completo sortido

Calçado para crianças

Novas secções de Fanqueiro, Retrozeiro, Camisaria e Chapelaria

Candeias—Intendente

38, Rua da Mouraria, 38-A LISBOA

Tabacaria A NACIONAL

DE MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais ilustrados, livros, artigos de papelaria, selos, papel selado, artigos para fumadores

LOTERIAS

Agas, corvoles e refrescos

38, Rua da Mouraria, 38-A LISBOA

Calçado

Sapataria do Calhariz

(em frente da Rua das Chagas)

Grande liquidação

em todos os calçados existentes

A 8\$80

GRANDE lote de sapatos de lona para senhora, cujo actual valor é 15\$50.

A 27\$00

SAPATOS de verniz, decolados, cujo valor é 35\$00.

A 19\$50

SAPATOS de pelica bronzeada, cujo valor é 36\$00.

A 22\$50

GRANDE lote de sapatos de camurça de cor para senhoras, cujo valor é 30\$00.

A 16\$50

UM grande lote de sapatos para senhora em esplêndido chevron preto, com salto à francesa, cujo valor é de 25\$00.

A 32\$50

GRANDE lote de botas em superior calf preto, cujo valor é 40\$00.

A 50\$00

GRANDE lote de botas, forma da moda, em finíssimo calf preto, cujo valor é de 60\$00.

A 25\$00

SAPATOS para homem em superior calf preto, cujo valor é 35\$00.

Grande sortimento em calçados caseiros, chinelos de quarto, mouriscas, calçados das mais recentes novidades para homens, senhoras e crianças, que tudo se vende com grandes diferenças de preços.

Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33

(em frente da Rua das Chagas)

Tabacaria A NACIONAL

DE MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais ilustrados, livros, artigos de papelaria, selos, papel selado, artigos para fumadores

LOTERIAS

Agas, corvoles e refrescos

38, Rua da Mouraria, 38-A LISBOA

Tabacaria A NACIONAL

DE MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais ilustrados, livros, artigos de papelaria, selos, papel selado, artigos para fumadores

LOTERIAS

Agas, corvoles e refrescos

38, Rua da Mouraria, 38-A LISBOA

Tabacaria A NACIONAL

DE MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais ilustrados, livros, artigos de papelaria, selos, papel selado, artigos para fumadores

Batata

Avisamos os nossos Ex.ªs Clientes

CONSUMIDORES E REVENDADORES

de que acabamos de receber o nosso

último carregamento dêste ano

que puzemos ontem à venda ao preço de

480 REIS O QUILO

nas nossas SUCURSAIS situadas:

- R. Remolares, 8.
- R. Crucifixo, 108.
- R. Esperança, 252.
- R. Poco dos Negros, 46.
- R. S. Bento, 302.
- R. S. Bento, 702.
- R. S. João dos Bemcasados, 47.
- R. General Taborca, A. R.
- R. Santa Marta, 69.
- R. S. Francisco de Paula, 179.
- R. 1.ª de Maio, 88.
- Calçada da Ajuda, 27.
- R. de Belem, 141.
- Calçada do Garcia, 44.
- R. Alalaia, 162.
- Largo do Miteio, 18.
- R. da Alegria, 14.
- R. Fontainhas, 70.
- R. Cavaleiros, 45.
- R. da Graça, 69.
- Avenida Almirante Reis, 147.
- R. Ferreira Borges, 42.
- R. Andrade, 71.
- R. Mouraria, 72.
- R. S. Nicolau, 4.
- Alameda do Beato, 2.
- R. Buenos Aires, 42.
- R. Escola Politécnica, 94.
- Praça Duque de Saldanha, 16.
- Estrada de Benfica, 624.
- Calçada da Estrela, 50.
- R. Alves Correia, 82.
- Praça David Leandro Silva.
- R. Santos-o-Velho, 112-A.
- R. Bemfornoso, 22.
- T. Corpo Santo, 6.
- R. Livramento, 1.

Sendo de excelente qualidade e fácil conservação e a última

que recebemos êste ano recomendamos aos nossos clientes que se

apressem a dirigir-nos os seus pedidos.

Descontos aos revendedores

Abel Pereira da Fonseca, L.ª

R. 1.ª de Dezembro, 82, 1.ª

Telegr. BELA-LISBOA

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, para-rafusos, fundos para cadeiras, guarnições para móveis

Chapa ferro preta e zincada

Telefone 3930 N. gramas FERRAGENS

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. do Amparo, 86-Lisboa

Não comprem calçado algum sem primeiro

consultar os preços da

Sapataria Salgado

Rua dos Fanqueiros, 72 e 76 Rua dos Retrozeiros, 15 a 19

Seguros Marítimos

A MUNDIAL participa a todos os seus clientes que celebrou contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.

Dirigir-se a

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$000—Reservas, Esc. 749.051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO

Rua Garrett, 95—Tel. 3894 R. Sá da Bandeira, 331, 1.ª

Trabalhadores: LEDE E PROPAGAI

A BATALHA

A grande Baixa de Calçado

Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-preto para senhora 19\$00

Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00

Botas calf-preto grandes e saldo 29\$50</